

## A PAX ROMANA NA CIDADE DE ANTIOQUIA: Uma aliança questionável

*\*Professor de Novo Testamento no ITESP, doutorando em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.*

*Daniel Godoy\**

**Resumo:**

*O a., a partir da situação da pax romana e avaliando a situação sócio-religiosa da cidade de Antioquia, considera as características da 'igreja de portas abertas' que surge naquela cidade onde pela primeira vez os discípulos de Jesus são chamados de 'cristãos'. Analisa também a influência da sinagoga na formação do judaísmo no exílio e como matriz formadora das primeiras comunidades cristãs. As experiências da diáspora são avaliadas e tidas como fundamentais para a tarefa missionária da Igreja em seus primórdios. As situações diversas dos diversos lugares favorece o surgimento de uma Igreja de fisionomia plural em contraste com uma eventual rigidez da comunidade de Jerusalém.*

**Chaves:**

*Igreja: Antioquia, Igreja Primitiva, Sinagoga, Diáspora.*

### INTRODUÇÃO.

Neste ensaio centraremos a nossa atenção nos aspectos sócio-políticos e religiosos do império romano, em geral, e da cidade de Antioquia em particular. Em seguida, abordaremos a diáspora judaica e suas práticas religiosas, finalmente estudaremos importância da sinagoga e nesse contexto nos aproximaremos dos helenistas.

## 1. IMPÉRIO ROMANO, ANTIOQUIA.

A dominação romana é uma presença determinante no mundo do primeiro século, e iniciou-se, como toda conquista, de forma violenta. Posteriormente, ocorreu um longo período de contínuas lutas pelo poder, assim como uma forte oposição dos diversos setores da sociedade judaica, especialmente dos camponeses, os quais enfrentavam uma pesada tributação, o que, somado aos tributos que deviam pagar ao templo, dificultava-lhes a existência, além das perdas de suas terras por razões diversas, especialmente por questões de endividamento.

Existiu um período no qual a situação de violência contra os súditos era tal que as rebeliões explodiam por todos lados, especialmente depois da morte de Herodes no ano 4 a.C. Esta situação de violência se repetirá, com maior força, na guerra contra Roma entre os anos 67 e 70 d.C., e continuará entre os anos 132 e 135 d.C. ocasião em que os romanos derrotam os judeus e os dispersam por todos os lugares possíveis tanto dentro como fora do império romano.

O império romano se estendia pelo oeste até a Espanha e Gálias, pelo norte até a Grã-Bretanha, pelo leste até o rio Reno, o Danúbio e o mar Negro, e pelo sul chegava até África do Norte e o Egito. Calcula-se que o Império, nessa extensão, tinha em torno de 50 milhões de habitantes. Em Roma, viviam ao redor de um milhão de pessoas.

Para sua administração, Roma usou o modelo de províncias. Tinha algumas províncias de cunho senatorial, cuja administração estava debaixo da autoridade do senado, representado por um pró-cônsul. Outras eram províncias imperiais, que dependiam diretamente do imperador, representado por um legado, com apoio de chefes militares. Existiam também as cidades gregas, que tinham um estatuto particular, além de seu próprio governo e administração. O império romano é a reunião de uma grande quantidade de povos que conservam os seus costumes, suas línguas e as suas culturas. Entretanto, não se deve imaginar o império como um estado fortemente centralizador em todos os domínios. A unidade básica continua sendo a cidade, que conservava uma grande autonomia de administração interna. Por sua vez, a cidade não se limitava ao território urbano, incluindo também o campo.

Nossa análise situa-se, historicamente, no contexto da paz romana (*pax romana*)<sup>1</sup> Neste contexto, a manutenção dos métodos de castigo e as contínuas revoltas no império mostram, por um lado, um descontentamento muito grande e, por outro, refletem uma situação de privilégios para um setor, percentualmente pequeno, que viu crescer sua fortuna, seu

<sup>1</sup> Wengst afirma que a *pax romana*, que em teoria é uma relação de direito entre dois parceiros, é, na realidade, uma ordem de dominação. Roma é o parceiro, que a partir de si mesmo, ordena a relação e propõe as condições. Para o não romano, *Pax* significava a confirmação da submissão a Roma, por meio de contrato que implorava, simultaneamente, a proteção de Roma contra os ataques de outros povos estrangeiros. Cf. K. WENGST, *Pax Romana: Pretensão e realidade*. São Paulo, Paulinas, 1991, p. 23.

poder e sua classe. Respeitando e mantendo distâncias, a *pax romana*, lembra a época da instauração da *doutrina da segurança nacional* (décadas dos anos 60 a 80) tristemente conhecida na América Latina. São épocas que marcaram a história, as pessoas, os projetos e os interesses sociais.

Alguns setores acreditavam que a *pax romana* era uma época esplendorosa e mostram as grandes obras viárias, arquitetônicas, etc., daquele período. Não obstante, outro setor, os pobres e segmentos da classe dirigente dissidente vêem nessa época uma situação social de crise generalizada e sem possibilidades. Muitos deles foram eliminados, seja pela via administrativa (juízos) ou pela via repressiva (morte por tortura, crucificação) ou outras formas.

2 Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Diccionario del Nuevo Testamento*. Madrid, Cristiandad, 1977. p. 383; Cf. também At 22,25-29.

A cidadania romana tinha um lugar privilegiado.<sup>2</sup> Não se restringia só a Roma, ainda que no princípio era assim, mas gradativamente superou as fronteiras da capital do império. É assim que esta cidadania se estendeu e em muitos casos se fez requisito imprescindível para a carreira administrativa e no campo militar. Em alguns casos, se outorgava a cidadania romana aos militares por anos de serviço e também como um favor pessoal do imperador, além dos direitos perante os tribunais de justiça. Este era um dos aspectos ao qual os cidadãos romanos mais recorriam quando se viam arrastados aos tribunais ou eram objetos de injustiças por alguma situação específica. Também o ser cidadão romano exigia o dever de combater pelo império.

Os livres tinham privilégios, mas não como os cidadãos. Uma das diferenças, por exemplo, é que os livres podiam ser julgados em seus próprios lugares de residência ou país, não sendo assim com o cidadão romano, que podia apelar ao tribunal do imperador.

A situação dos escravos era diametralmente oposta, diferente e desvantajosa em relação aos casos descritos. Pertenciam a seu amo que tinha direitos sobre sua vida e sua morte. Também tinha o direito de libertá-los ou mantê-los como escravos. Entre os escravos se contavam pagãos e judeus. Estes últimos tinham um nível melhor em relação aos primeiros. Os judeus podiam chegar a ser escravos por suas ações que realizavam, mas deviam ser libertados obrigatoriamente no sexto ano. Grundmann e Leipoldt afirmam que:

*la esclavitud fue siempre para los judíos un estado transitorio, ya que las familias y las comunidades judías hacían todo cuanto estaba de su parte para devolver la libertad a los judíos que por una causa u otra como la prisión de guerra, habían caído en la esclavitud.*<sup>3</sup>

3 Cf. J. LEIPOLDT — W. GRUNDMANN, *El mundo del Nuevo Testamento*. Madrid, Cristiandad, 1973, vol. 2, p. 320.

A situação romana, no nível social, econômico e político, não era um remanso de paz. Pelo contrário, tanto em Roma como nas províncias continuamente haviam rebeliões.<sup>4</sup> Os imperadores, os procuradores, cada um no seu nível e segundo sua capacidade expunham o povo a duros castigos e, muitas vezes, não distinguiram entre livre e escravo. Tal é o caso que apresenta Cícero quando acusa a Verres, um ex-procurador romano na Sicília, o qual, na hora de aplicar os castigos, não fazia distinção entre uns e outros. Cidadãos romanos também sofreram castigos, embora o direito civil romano os protegia contra tais tratamentos. No entanto, quando escapavam dos castigos maiores, alguns ainda eram vítimas de tortura, açoites e encarceramentos. Tal é o caso de Paulo e Silas quando foram presos (At 16,6-23.35-39) e castigados como cidadãos romanos (At 22,25.29). Quando seus castigadores souberam de sua condição ficaram assustados e os deixaram em liberdade. Suetônio<sup>5</sup> falando da desmesura na aplicação do castigo chega a dizer que:

*por fim, chegou-se ao ponto de eliminar um cidadão romano que se tinha deixado investir de uma magistratura em sua colônia no mesmo dia em que outrora Augusto tinha sido empossado em alguns cargos.*

No âmbito religioso, existiam no Império muitas expressões religiosas, inclusive algumas das cidades e outras do campo. Assim, no Império, onde existiam várias religiões, uma a mais não fazia necessariamente diferença. Às vezes, suas pregações podiam até ser contrárias à pregação cristã, mas não fechavam as portas, a menos que algum desses grupos se sentisse ameaçado, como no caso dos saduceus que, perante a pregação de Estêvão, reagiram violentamente porque o que era central em sua pregação foi fortemente questionado. Nesse contexto social, segundo Hoornaert, *el clima en estas comunidades es de abatimiento y desánimo*,<sup>6</sup> esta situação de desânimo se explicaria por um grande movimento de imigração de pessoas sem terra, invasores e estrangeiros, que não tinham e nem recebiam o reconhecimento como cidadãos. É nessa situação que, segundo Hoornaert,<sup>7</sup> as comunidades cristãs se formaram para satisfazer às necessidades, que eram espirituais e sociais. O que as comunidades oferecem é a casa.

A situação política e as práticas repressoras não eram comuns em todo o Império. De fato, diferente era a situação de Roma e Jerusalém, em relação a Síria. Assim também era diferente a sorte dos judeus da Síria da dos judeus-cristãos de Jerusalém.<sup>8</sup> Dois exemplos a respeito disso. No ano de 64 d.C., por ocasião do incêndio de Roma, desatou-se uma grande perseguição, a partir do Império, contra os cristãos acusados de serem os responsáveis pelo incêndio. Isto levou muitos deles à

4 Klaus WENGST referindo-se a pax romana, o faz nos seguintes termos: *A pax romana foi resultado produzido a ferro e fogo e mediante o uso, sem escrúpulos, de todos os meios de luta do Estado, de uma disputa inimiga com o mundo inteiro, que se apoiava numa arte de Estado coercitiva e através da qual, em cada caso concreto, houvera a vontade ilimitada da defesa do próprio proveito.* Cf. K. WENGST, *Pax Romana*, op. cit., p. 23.

5 Citado por J. COMBY — P. LEMONON, *Roma em face a Jerusalém: Visão de autores gregos e latinos.* São Paulo, Paulinas, 1987, p. 65.

6 Cf. E. HOORNAERT, *A memória do povo cristão: Uma história da Igreja nos três primeiros séculos.* Petrópolis, Vozes, 1986, p. 43.

7 Idem, p. 44.

8 Cf. J. R. AYASO, *Judaea Capta: La Palestina romana entre las dos guerras judías (70-132 d.C.).* Estella, Verbo Divino, 1990, p. 32-33.

9 Cf. F. JOSEFO, *História dos Hebreus* Obra completa. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1992, p. 692.

morte por meio de diversas formas. No momento da tomada de Jerusalém, depois de derrotar a resistência judaica, Tito, ao contemplar sua façanha, mandou derrubar toda a cidade, só pediu para deixar em pé as três torres do palácio de Herodes. Depois vai para Cesaréia Marítima, onde além de deixar o tesouro da guerra, a deixa em custódia a João de Giscalá. Ele antes de voltar para Roma percorre a região norte da Palestina, a província da Síria e o norte de Cesaréia de Filipo. Nesta viagem para Antioquia e outras cidades vai celebrando grandes espetáculos, onde, segundo Josefo, morrem combatendo um bom número de judeus. Quando Tito chegou a Antioquia, o senado e os notáveis da cidade lhe apresentaram queixas contra os judeus residentes solicitando-lhe expulsá-los da cidade. Tito não aceita.<sup>9</sup> Neste caso não sabemos de onde vem o mal-estar contra os judeus da cidade. Mesmo assim, Tito não acolhe a petição do senado e dos notáveis, defendendo com sua atitude os judeus. Este caso mostra, mais uma vez, que a política romana a respeito dos judeus era seletiva e distinguia casos e situações.

Esta atitude de Tito vai na mesma linha iniciada por Júlio César ao reconhecer os privilégios que gozavam os judeus das cidades do oriente helenístico, especialmente da Ásia. Também Cláudio desenvolveu uma política dupla. Foi restrito em Roma e mais favorável aos judeus em Alexandria, por exemplo. Esta política se manteve durante quase todo o primeiro século. Assim os judeus gozavam de uma certa situação de privilégios que lhes permitiu escapar de perseguições que afligiam os seus irmãos em outras regiões do império, especialmente Roma e Jerusalém. Eles, os judeus em Antioquia, formavam uma politeuma, o que quer dizer que gozavam de reconhecimento e de personalidade jurídica e tinham o direito de seguir suas próprias leis e de preservar sua identidade religiosa. Esta situação social que lhes oferecia Antioquia era o que lhes permitia realizar uma vida com tranqüilidade e sem os sobressaltos das outras cidades.

## 2. A CIDADE DE ANTIOQUIA

Duas cidades com o mesmo nome são mencionadas no Novo Testamento: Antioquia da Síria e Antioquia de Pisídia. Nosso interesse está centrado em Antioquia da Síria.

Queremos investigar a relação de Antioquia com o Império romano e sua importância política, descobrir aspectos da vida cotidiana, a vida na cidade, a organização interna e, em seguida, estudar a sua dimensão religiosa e a relação com a co-

munidade cristã ali presente, ou seja, o que significava ser cristão nesta cidade e como isto era visto pelos antioquenos.

Nosso interesse é pesquisar sobre a cidade que foi a capital da província romana da Síria, fundada no ano 300 a.C., por Seleuco I, Nicator. Esta província, a partir de 165 a. C., depois de Roma e Alexandria, tornou-se a terceira cidade-metrópole do Império:

*Antioch on the Orontes in Syria was the residence of the Seleucids and, after 64 B.C., of the Roman legate of the province of Syria, came to be third most significant city of the Empire (after Rome and Alexandria). It is mentioned in Act 11,19f (in connection with the mission to the Gentiles, 22 (Barnabas's presence in Antioch as a delegate from Jerusalem), 26 (bis: Paul's presence in Antioch; the origin of the term cristiano).*<sup>10</sup>

Está construída às margens do rio Orontes, aos pés do monte Silpio e Stauris, não longe do mar. Seu crescimento econômico foi rápido especialmente por estar localizada na rota comercial e militar para o Oriente. Ganhou beleza por causa das terras férteis que circundavam a planície do rio, o que permitiu a produção de grãos, oliveiras, peixes, uvas etc. O rio Orontes providenciava água para a cidade toda por meio de dois aquedutos.<sup>11</sup> Foi fundada como uma cidade avançada do helenismo no mundo oriental semítico.<sup>12</sup> Estava destinada a ser um lugar eminente de encontro de povos e culturas. Mais tarde foi sendo povoada pelos sírios e pelos judeus, muitos deles descendentes de colonizadores vindos da Babilônia. Chegou a se igualar em tamanho a Roma e Alexandria. Nos tempos do crescimento e esplendor da comunidade cristã, a cidade estava sob o governo romano.

Foi capital do reino dos selêucidas e depois da província romana da Síria. Foi uma das melhores e mais belas cidades do império. Ora cidade magnífica, com suas ruas longas.<sup>13</sup> Algumas delas eram pavimentadas com mármore. Tinha banhos públicos, templos, mercados, seus pórticos. O lado norte da cidade ficava iluminado à noite.<sup>14</sup> Possuía um vasto território,<sup>15</sup> além de um porto marítimo. É cidade fervilhante, animada de dia e de noite, na qual os homens de negócio e os donos de indústria do Oriente e do Ocidente encontravam-se para estabelecer relações frutuosas e comerciais.<sup>16</sup> Para os romanos, representava a essência do Oriente, cheia dos ardentes prazeres e da estética exótica do helenismo oriental. Tinha templos, banhos, teatros, lojas de comércio, sinagogas etc.

Antioquia era um centro da civilização helênica e verdadeira metrópole, não só pela importância econômica, mas também pelo aspecto cultural e religioso. Cidade cosmopolita,

10 Cf. H. BALZ — G. SCHNEIDER (Eds.), *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company, 1990, vol. 1, p. 110; veja também D. N. FREEDMAN (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary*. New York, Doubleday, 1992, vol. 6; E. HOORNAERT, *O movimento de Jesus*. São Paulo, F.T.D., 1991, p. 101; F. RAMOS, *El Nuevo Testamento I: Presentación y contenido*. Madrid, Atenas, 1988, p. 358.

11 Cf. D. N. FREEDMAN (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, op. cit. p. 265.

12. Idem, p. 265.

13 Cf. J. ROMER, *Testamento sagrado através da história*. São Paulo, Melhoramentos, 1995, p. 149.

14 *Enciclopédia Ilustrada da Bíblia*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 236.

15 Cf. M. ROSTOVITZEFF, *Historia social y económica del imperio romano*. Madrid, Espasa-Calpe, 1962, v. 2, p. 14; D. N. FREEDMAN (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, op. cit., p. 264.

16 Cf. A. G. HAMMAN, *A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)*. São Paulo, Paulus, 1997, p. 14-15.

17 Cf. D. N. FREEDMAN (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, op. cit., p. 265-266.

18 Os helenos ficam sabendo do evangelho pela astúcia dos homens de Chipre e Cirene, o que poderia indicar uma prática comum nas suas cidades de origem, e explicaria em parte sua atitude evangelizadora na cidade de Antioquia.

19 Cf. VV.AA. *Atos dos Apóstolos*. Atos do Espírito Santo. São Paulo, Paulinas, 1991, p. 26.

20 Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Diccionario del Nuevo Testamento*. Madrid, Crisandad, 1977, p. 99.

21 Outras porcentagens falam que na Palestina moravam 750.000 judeus, no Egito um milhão, principalmente na cidade de Alexandria.

22 No Império romano havia ao redor de 4,5 milhões de judeus, o que equivale a 7% da população do Império. Também na Babilônia e na Partria moravam muitos judeus. Isto indica que os judeus que moravam na diáspora eram, numericamente, superiores aos judeus residentes na Palestina.

23 Cf. I. LEVINSKAYA, *The Book of Acts in Its First Century Setting — Diaspora Setting*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1996, vol. 5, p. 8.

24 Cf. *Enciclopédia Judaica*, p. 86.

multiétnica e pluricultural. Com essa riqueza, entrar com o Evangelho na cidade era pôr a Palavra no mundo, fazendo jus ao mandato de Jesus de At 1,8. Foi nesta cidade que pela primeira vez os discípulos foram chamados de cristãos (At 11,20). Isto, segundo *The Anchor Bible Dictionary*,<sup>17</sup> poderia indicar que os cristãos queriam distinguir-se dos judeus diante de uma perseguição ou que as autoridades queriam identificar o grupo separando-o dos judeus.

Nesta cidade encontra-se a primeira comunidade étnico-cristã, uma conquista importante demais para a Igreja e seu desafio de levar o Evangelho aos confins da terra, o que, ao que parece, não é outra coisa que senão sair de Jerusalém. É assim que Antioquia será o centro missionário organizado, articulado e ousado (pregavam também aos helenos).<sup>18</sup>

Os cálculos de habitantes na cidade são relativamente diferentes, mas não opostos. São 500.000 habitantes, dos quais 10% eram judeus, ou 600.000,<sup>19</sup> segundo Pliny, ou 200.000, segundo Crisóstomo. O dicionário do Novo Testamento<sup>20</sup> fala de 300.000 habitantes. Mesmo assim, todas estas estatísticas coincidem em apresentar uma população de 10% de judeus na cidade.<sup>21</sup> Estudos recentes afirmam que a população de Antioquia poderia atingir 600.000 habitantes no primeiro século, sem contar a área metropolitana e os escravos.<sup>22</sup> Esta cidade atraiu, desde sua fundação, a comunidade judaica especialmente pela sua proximidade de Jerusalém, assim como pela sua importância comercial e administrativa.

Não conhecemos outra cidade, depois de Jerusalém, que tenha tanta ligação com a história do cristianismo como Antioquia. Talvez Éfeso pudesse se igualar a ela em importância. Quando a Síria se tornou uma província romana, o *status* social dos judeus não mudou e seus privilégios foram mantidos. Mas o terceiro ano do reinado de Calígula (40 d.C.) foi marcado por uma explosão de violência anti-judaica. Uma das poucas fontes literárias para a informação a respeito desses eventos em Antioquia são as crônicas de Malalas, datadas no sexto século d. C. Malalas relata um massacre cometido pelos judeus em Antioquia, que tinha começado com o choque entre duas forças de circo, a força verde e a força azul.<sup>23</sup> Isto aconteceu por volta dos anos 39-40. Os judeus segundo a Enciclopédia Judaica viveram ali desde o início do século II a.C. Possuíam uma sinagoga, na qual foram depositados alguns vasos do templo de Jerusalém saqueado por Antíoco Epífanes. Passada a guerra dos anos 66-70 d.C., as condições pioraram e, durante algum tempo, foram proibidas as práticas judaicas.<sup>24</sup>

Josefo diz que a maioria dos judeus vivia, nos tempos de Jesus, na Síria, especialmente em Antioquia, e que os judeus

antioquenos gozavam de consideráveis privilégios que derivavam de seus merecimentos militares na época do governo de Seleuco I, Nicator.<sup>25</sup> Estes judeus instalados na cidade, segundo André Paul, seriam mercenários que teriam sido recompensados pelos serviços prestados ao império, recebendo assim estes benefícios. A respeito do *status politicus* dos judeus antioquenos, Josefo nos informa que *os judeus receberam honrarias dos reis asiáticos quando eles se colocaram ao seu serviço na guerra*.<sup>26</sup> E continua dizendo: *Seleuco I foi quem concedeu aos judeus cidadania, politeuma, nas cidades que ele ganhou na Síria e na Ásia Menor*.<sup>27</sup> André Paul não aceita esta informação fornecida por Josefo como possível. Com isto teríamos mais judeus em Antioquia do que em Jerusalém.

A cidade de Antioquia da Síria é de grande importância<sup>28</sup> tanto para a Igreja cristã, quanto para a comunidade de Antioquia. Outras informações sobre os judeus de Antioquia, especialmente neste período do I século, são limitadas. Como já dissemos, uma ajuda nesta busca são as descrições que oferece Malalas sobre alguns tumultos acontecidos em Antioquia sob Gaio. Esta fonte é estimada pelo seu valor histórico. A cidade de Antioquia, no contexto do império romano, era politicamente especial o que a levou a se converter na terceira cidade, em importância, no império romano.

## 2.1. Antioquia do ponto de vista político

Como já mencionamos anteriormente em Antioquia vivia uma grande quantidade de judeus. Era o grupo mais numeroso da província da Síria. Era junto com a comunidade de Alexandria um das maiores comunidades da diáspora no mundo romano. Os judeus tinham alguns privilégios que, ao que parece, provinham de merecimentos militares. Segundo Josefo, os judeus receberam honras dos reis asiáticos quando se colocaram aos seus serviços na guerra. Foi Selêuco I, Nicator quem concedeu aos judeus cidadania (*politeia*) nas cidades que ele fundou:

*Os reis da Ásia trataram também os judeus com grande honra, por causa das provas, que lhes davam, nas guerras, de sua fidelidade e de sua coragem. Seleuco, cognominado Nicanor, (!) deu-lhes o direito de cidadania, como aos macedônios e aos gregos, em todas as cidades que ele construiu na Ásia e na baixa Síria e mesmo em Antioquia, que lhes é a capital.*<sup>29</sup>

Os judeus conservavam esses benefícios ainda na época de Flávio Josefo, como bem deixa transparecer o próprio Josefo: *Eles gozavam ainda hoje desse direito, pois não querendo usar o óleo dos estrangeiros, os que têm o encargo do comér-*

25 Cf. J. LEIPOLDT, e W. GRUNDMANN, *El mundo del Nuevo Testamento*, op. cit., p. 310.

26 Cf. F. JOSEFO, *História do Hebreus*, op. cit. pp. 280-281.

27 Idem, pp. 280-281.

28 Cf. I. LEVINSKAYA, *The Book of Acts in Its First Century Setting: Diaspora Setting*, Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1996, vol. 5, p. 127.

29 Cf. F. JOSEFO, *História dos hebreus*, op. cit., p. 281. Confira também J. LEIPOLDT — W. GRUNDMANN, *El mundo del Nuevo Testamento*, op. cit., p. 310.

30 Cf. F. JOSEFO, *História dos hebreus*, op. cit., p. 281.

*cio são obrigados a lhes dar uma certa soma de dinheiro no valor do óleo. Os habitantes de Antioquia esforçam-se, durante as últimas guerras, por abolir esse costume. Mas Múcio, governador da Síria, impediu-o. E esses mesmos habitantes e os de Alexandria não puderam obter dos imperadores Vespasiano e Tito que os privassem de seu direito de cidadania.*<sup>30</sup>

Esta possibilidade é questionada por André Paul que afirma a respeito dos benefícios e direitos dos judeus neste período que:

*Diga lo que diga Josefo y a pesar de algunas excepciones individuales y amplísimos privilegios concedidos al conjunto de la comunidad, ni los judíos de Antioquia ni los de Alejandría gozaban de plenos derechos ciudadanos.*<sup>31</sup>

31 Cf. A. PAUL, *El mundo judío en tiempos de Jesus: Historia política*. Madrid, Crístandad, 1982, p. 140.

Por outro lado podemos dizer que Antioquia tinha elementos culturais vindos de diversas procedências. O seu importante porto marítimo possibilitava um fluxo permanente de pessoas vindas de muitos lugares, trazendo suas crenças, culturas, costumes etc. Era uma cidade cosmopolita, com todas as expressões que faziam parte destas cidades no primeiro século de nossa era. Localizada a 483 quilômetros de Jerusalém, permitia aos judeus, apesar de algumas dificuldades, realizar suas peregrinações nos dias de festa.

32 Cf. D. N. FREEDMAN, (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, op. cit., p. 265.

A cidade tinha uma elite grega e, permanentemente, destacamentos militares<sup>32</sup> e legiões romanas. Um setor da população, de origem judaica, era pobre, mas os que faziam o serviço militar tinham direito a terras e a sua exploração econômica. Outro setor era formado por algumas minorias de outras regiões afastadas. Antioquia torna-se o novo centro dinâmico do cristianismo primitivo, de onde se irradiará o movimento missionário ao mundo grego e romano.

33 Idem, p. 265.

Por outro lado descobertas recentes mostram restos de porcelana chinesa nas escavações e uma espécie de indústria de seda nas proximidades da Vila Samandoja, não longe do local de Selêucida, assim como belos mosaicos do mundo antigo, pisos brilhantes, retratos de atores, amigos e gladiadores das cidades.<sup>33</sup>

Tendo descrito, sumariamente a cidade de Antioquia do ponto de vista político, a estudaremos agora do ponto de vista religioso.

## 2.2. Antioquia do ponto de vista religioso

As informações que temos desta comunidade estão, principalmente, no livro de Atos. A comunidade cristã foi fundada pelos helenistas (*pelos dispersos por causa da tribulação que surgiu após a morte de Estêvão*. At 11,19) que fizeram dela sua casa e um novo pólo do cristianismo, evidentemente diferente

de Jerusalém. Hoornaert fala que já nos anos 43-49 se atesta uma presença cristã em Antioquia, formada por pessoas que tinham fugido da perseguição que os sacerdotes do sínédrio de Jerusalém desencadearam contra os simpatizantes de Estêvão (At 7,52). Numa cidade pagã constituía-se um modelo de Igreja e de sua missão.<sup>34</sup> A comunidade cristã, aumentada com os fugitivos de Jerusalém, compunha-se principalmente de fiéis de origem pagã, dentre os quais sairá, no século II, o bispo Inácio, uma das nobres figuras de seu tempo.

Considerando esta importância de Antioquia, o texto de Atos vai nos mostrar um debate eclesial entre Jerusalém e Antioquia. Neste debate aparece como tema de fundo, a relação do grupo de Estêvão (judeu-cristão-helenista) com a comunidade hebraico-cristã de Jerusalém.<sup>35</sup>

A partir desta cidade inicia-se o que hoje podemos chamar como uma missão organizada,<sup>36</sup> diferente da primeira fase quando iniciou-se a perseguição. Assim a partir do capítulo 13 de Atos inicia-se esta missão e com propósitos específicos. A atividade da comunidade local é resultado e meio de uma questão circunstancial, não promovida nem pensada a partir de Jerusalém, mas como conseqüência de uma postura clara e abrangente perante uma situação contrária ao espírito da Igreja e dos apóstolos.

Esta comunidade não foi fundada pelos apóstolos. Foram os helenistas que, fugindo da perseguição dos judeus em Jerusalém, nos anos 36 ou 37 d.C., a fundaram, em seu afã e espírito missionário, levando-a a se converter no pólo missionário mais importante do primeiro século d.C. José Comblin<sup>37</sup> afirma que os judeus da Antioquia eram de uma mentalidade mais aberta ao helenismo, o que atraiu muitos prosélitos ou adoradores de Deus. Esse contexto era ideal para os cristãos e para o desenvolvimento e crescimento da comunidade cristã de Antioquia. A comunidade de Antioquia era composta por pessoas de diferentes partes do império romano. Jürgen Roloff chama-a *la capital del pagano-cristianismo*;<sup>38</sup> Nesta comunidade se repete e explicita o conteúdo do querigma da Igreja *Jesus é o Senhor*, uma das mais antigas profissões de fé da Igreja cristã (cf. At 2,36). Neste sentido, Kyrios, carrega a grandeza do Cristo, agora glorificado (veja Rm 10,9; 1 Cor 12,3; Fl 2,9-11). Por sua vez a expressão *a mão do Senhor estava com eles/com a Igreja* poderia indicar uma certa separação do judaísmo ortodoxo hierosolimitano e uma reafirmação da importância dos helenistas na missão da Igreja. Esta informação não é dita com respeito aos apóstolos. É nesse contexto, perante a popularidade da comunidade de Antioquia, que os 'irmãos' de Jerusalém, que não foram perseguidos nessa fase como os helenistas, fi-

34 Archibald Woodruff, referindo-se à Igreja síria ocidental, ou seja, antioquena, afirma que tinha condições de desenvolver-se independentemente dos centros de Jerusalém, Galiléia e Síria oriental, por causa do tamanho da cidade e da grande distância dos outros centros. Também afirma que esta Igreja pode ser comparada com as religiões de mistério, mas também com a comunidade de Qumran. Cf. A. WOODRUFF, *A Igreja pré-paulina*. Em *RIBLA*, 1995, 22, p. 73.

35 Cf. J. SÁNCHEZ BOSH, *Nascido a tempo: A vida de Paulo, o apóstolo*. São Paulo, Ave Maria, 1997, p. 60.

36 Cf. J. COMBLIN, *Atos dos Apóstolos*. São Leopoldo/São Bernardo do Campo, Sinodal/Imprensa Metodista, 1988, vol. 2, p. 15.

37 Idem, p. 15.

38 Cf. J. ROLLOF, *Hechos de los apóstoles*. Madrid, Crisandad, 1984, p. 239.

cam interessados no que ocorre na cidade. Jerusalém é uma espécie de poder religioso, o qual sentia-se com o direito de controlar, ou pelos menos se informar, do que acontecia com aqueles que já começavam a ser chamados de 'cristãos'. Helmut Köster questiona esta prática ou autoridade da Igreja de Jerusalém dizendo:

*que no existía una autoridad suprarregional institucionalizada. En el supuesto caso que Jerusalén tuviera una autoridad sobre las comunidades de la diáspora, era ésta de carácter ideal y no institucional... en ningún momento las autoridades del templo tuvieron derechos judiciales y poder policial sobre los judíos que vivían fuera de los límites políticos dominados por Jerusalén.*<sup>39</sup>

Neste contexto, talvez seria apropriado falar de um representante da Igreja-mãe, que vai ali para ver o que acontece, mas sem autoridade para aceitar ou rejeitar as práticas locais. Mesmo assim, o autor de Atos, consciente ou inconscientemente, menciona que foi Barnabé, oriundo de Chipre, daqueles mesmos que pregavam aos gregos e com as mesmas características dos diáconos, enviado para verificar o que ali estava acontecendo. Este mesmo Barnabé, chamado de apóstolo em At 14,4.14, é o representante da comunidade localizada em Jerusalém e que, na lógica do autor, aparece até o capítulo 13 sendo mencionado primeiro que Paulo.

A comunidade era dirigida por cinco profetas e mestres (At 13,1). Ao que parece as tarefas eram realizadas segundo a capacidade de cada pessoa. Os chefes da comunidade eram: Barnabé, levita de Chipre (At 4,36); Simão, talvez um negro do norte da África; Lúcio, também, ao que parece, africano; Manaém, amigo de Herodes Antipas desde jovem, e Saulo, cidadão romano de Tarso (At 22,3). A este respeito os professores Woodruff e Nogueira destacam, separadamente, ao menos cinco aspectos centrais da Igreja de Antioquia: a liberdade perante a lei, conversão dos gentios, morte e ressurreição de Jesus, dimensão apocalíptica e autodefinição como cristãos. Aqui é necessário mencionar um certo liberalismo, não pragmático, nem de rejeição teórica da lei judaica.

Considerando a idéia de todas as comunidades serem vistas como filiais da central Jerusalém, Martin Dreher destaca que os helenistas haviam protestado contra uma comunidade que impunha práticas próprias do povo judeu, como era o caso da circuncisão. E acrescenta que *os maiores protestos vieram de Antioquia uma comunidade formada por judeus helenistas e pagãos que se haviam convertido*. Esta prática dos helenistas teve tal importância que levou finalmente a discussão do tema à assembléia de Jerusalém. Hoornaert fala de uma outra ver-

39 Cf. H. KÖSTER, *Introducción al Nuevo Testamento: Historia, cultura y religión de la época helenística e historia y literatura del cristianismo primitivo*. Salamanca, Sígueme, 1988, p. 285.

tente de expansão do cristianismo: *fora da vertente helenista, está a não-helenista, a aramaica*.<sup>40</sup>

Esta cidade de Antioquia também era berço de uma ampla e diversificada representação religiosa, onde havia representações religiosas de deuses do mundo greco-romano<sup>41</sup> Por sua vez *The Anchor Bible Dictionary* recolhe a informação de que seria a cidade onde Seleuco sacrificou ao Zeus, e Apolo foi adorado num templo de Dafne. Destaca que a própria cidade de Antioquia tinha uma estátua de Artêmis. Nesta cidade a religião e a mitologia grega se mesclavam com os cultos locais tradicionais. Ali, no século I haviam construído templos a Júpiter Capitolino, a Dionísio, a Asclépio, Afrodite e a Zeus Sóter.

Neste contexto de pluralidade étnica e religiosa, junto aos benefícios obtidos pelos judeus pelos serviços prestados aos reis da Ásia é que podemos entender porque na cidade de Antioquia, a diáspora, floresce, cresce e goza da proteção dos reis e generais por muito tempo.<sup>42</sup> Isto permitiu-lhes organizar-se e estruturar sua vida no âmbito social, político, econômico e religioso. Possibilitou também um espaço social importante do ponto de vista religioso, visto que na cidade de Antioquia, terceira cidade em importância do império, é possível refugiar-se e propagar a religião de cada um sem ser por isso incomodado ou perseguido.<sup>43</sup>

### 3. A DIÁSPORA JUDAICA EM ANTIOQUIA

Para compreender a diáspora judaica no século d.C., temos, necessariamente, que voltar na história sócio-política do povo judeu e por meio dela tentar olhar este fenômeno que, no dizer da tradição bíblica, tem sido entendido como um grande desastre, como se pode confirmar nos Sl 44; 60; 74; 79. Nestes salmos transparecem as queixas dos exilados e nos Salmos 42; 43; 61; 126 e 127 ficam expressos os sentimentos de nostalgia e desânimo dos exilados. O Sl 137,1 expressa estes sentimentos vivenciais dos exilados: *junto aos canais de Babilônia nos sentamos e choramos, com saudades de Sião*. Assim os exilados também expressam os sentimentos de vingança contra a Babilônia: *ó devastadora capital de Babilônia, feliz quem lhe devolver o mal que você fez para nós! Feliz quem agarrar e esmagar seus nenês contra o rochedo!* (Sl 137,8-9).

Por sua vez o livro das Lamentações detalha a situação na qual fica a população que não saiu de Judéia. Foi um grupo relativamente pequeno, quase sobreviventes num mundo desolado. Os capítulos 1-2 e 5 das Lamentações nos dão uma visão panorâmica desta situação onde se pode observar um grau importante de depressão e algumas idéias teológicas sub-

40 Cf. E. HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, op. cit., p. 80.

41 Cf. J. LEIPODLT. — W. GRUNDMANN, *El mundo del Nuevo Testamento*, op. cit., p. 312-314.

42 Cf. F. JOSEFO. *História dos hebreus*, op. cit., pp. 690-691.

43 Cf. D. N. FREEDMAN (Ed.), *The Anchor Bible Dictionary*, op. cit., vol. 1, p. 268.

jacentes. Inclusive expressa-se uma crítica aos profetas: *seus profetas lhe falaram de visões falsas, mentirosas; para lhe mudar o destino, eles nunca mostraram os pecados que você cometeu* (Lm 2,14).

Mais pesquisas contemporâneas tem apontado para uma leitura menos trágica e mais como uma consequência sócio-religiosa, a qual não elimina a dimensão trágica da experiência da diáspora. Santos Benetti afirma que:

*la destrucción de la nación y del culto oficial, con todas las instituciones tribales y monárquicas, no sólo no fue un final definitivo, sino que le permitió a los sobrevivientes de Palestina y de Babilonia, recrear su comunidad de fé con particulares características, dentro de un nuevo marco político nacional e internacional. El javismo soporta una nueva y definitiva transformación, para pasar a llamarse simplemente judaísmo.*<sup>44</sup>

Não obstante esta leitura os exilados na Babilônia, ao que parece, o melhor da sociedade judaica, tais como os nobres, sacerdotes, artesãos e intelectuais, começam a se considerar o verdadeiro Israel,<sup>45</sup> algo assim como o resto fiel. São eles que nesta nova situação e animados pelo profeta Ezequiel começam a se reunir, a orar e ler algum escrito sagrado. Com esta prática, iniciada pelos exilados, começa a se consolidar o que depois chegará a ser a Sinagoga. No momento de retornar para Judá, sob o governo dos persas, poucos deles voltaram. Uma parte deles constituirá ou consolidará uma colônia na Babilônia. Isto é possível pelo modelo de governo persa, que permite a realização de cultos e o respeito às tradições dos povos. Sua política não é de extermínio ou de deslocar populações.

Por sua vez os exilados tinham desenvolvido um bom estilo de vida, mantendo suas famílias e alguns deles até tinham feito fortuna.<sup>46</sup> Temos que reconhecer que este fenômeno da diáspora gerou e possibilitou uma nova experiência e compreensão da fé javista.

### 3.1. Diáspora

Este fenômeno foi tão importante e generalizado na história do povo judeu que, no século I d.C., é possível achar em muitas cidades ou em vilarejos a presença de judeus organizados e com suas celebrações e tradições religiosas. Isto foi possível por causa das deportações iniciadas pelos assírios e babilônios assim como também pelos conflitos e guerras que deram sua contribuição levando judeus para muitos lugares e cidades. Independentemente das razões que levaram os judeus para esta condição de exílio, no século I d.C., isto, posteriormen-

44 Cf. C. S. BENETTI, *Política, poder y corrupción en la Biblia*. Buenos Aires, San Pablo, 1996, p. 281-282.

45 Cf. R. J. COGGINS, *As origens da diáspora judaica*. Em R. E. CLEMENTS (Ed.), *O mundo do antigo Israel*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 162-163.

46 Cf. S. BENETTI, *Política, poder y corrupción en la Biblia*, op. cit., p. 294.

te facilitou a propagação da fé cristã. Temos o exemplo do próprio Paulo que se dirigia, quando chegava numa cidade, primeiro à sinagoga para começar a pregar a boa nova do Evangelho.

Diáspora é uma palavra de origem grega e significa *dispersão*<sup>47</sup>. A própria idéia implícita na palavra indica que ocorrem mudanças importantes na configuração de Israel.<sup>48</sup> Afirma-se que os judeus do período helenístico empregavam este termo para designar os seus correligionários que, tendo-se espalhado por nações estrangeiras desde a queda da primeira comunidade, viviam fora do território de Israel.<sup>49</sup> A Septuaginta traduz expressões que na Bíblia são relatadas comumente com o sentido de terror ou opressão pela palavra 'diáspora' (*zaavâ*)<sup>50</sup> como por exemplo, o texto dos Setenta, que diz: *tu serás um horror ou diáspora, com sentido de dispersão por todos os reinos da terra* (Dt 28,25), indica que o povo de Israel era oprimido e aterrorizado em seu estado de dispersão. Para diáspora é usada também a expressão hebraica *golah* e *galut*. *Galut* significa exílio e indica duas situações específicas: a) Existe diáspora na medida em que os judeus dispersos constituem uma identidade suficientemente representativa numerosa e estrutura fora de Palestina. b) Os judeus, ao mesmo tempo, são donos de uma parte da terra da Palestina, debaixo da dupla autoridade de um estado mais ou menos independente e do único templo de Jerusalém.<sup>51</sup> Segundo André Paul, estas duas situações se deram durante a história do segundo templo, especialmente no período que vai da morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., até a queda de Jerusalém, no ano de 70 d.C. O exílio existe também quando o Estado e o Templo desaparecem como aconteceu no ano de 587 a 538 a.C., e no ano de 70 d.C.

A diáspora começou em 587 a.C., quando Nabucodonossor, rei da Babilônia, invadiu o reino de Judá.<sup>52</sup> Para que pudesse controlar a nação conquistada, retirou de Jerusalém para uma vida nova na Babilônia todos os habitantes mais prendados e influentes. Esta ação foi um grande desastre para todo o povo judeu. Politicamente foi a catástrofe final, pois nunca mais o povo judeu haveria de gozar de uma existência independente<sup>53</sup>, exceto no período dos macabeus. O Salmo 137 reflete, por meio de imagens e símbolos, o estado de ânimo do povo judeu no exílio.

Esta situação de exílio, junto com a destruição do templo, fez com que os judeus trasladassem suas celebrações para a Sinagoga. Isto os levou a incorporar algumas modificações no culto. Quando celebravam no templo, tinham sacrifícios, o que na dispersão não era mais possível. Assim incentivaram a oração, a leitura da Torá, a observância do sábado, a circuncisão e a observância das leis alimentares contidas no Antigo Testa-

47 Cf. A. PAUL, *El mundo judío en tiempos de Jesus*, op. cit., p. 99 afirma que esta palavra surge com a tradução grega da Bíblia. Procede do verbo grego diaspei, rw, que significa *dispersar*. Cf. G. BRAKEMEIER, *O mundo contemporâneo do N.T.* São Leopoldo, Comissão de Publicações Luteranas, p. 159.

48 Cf. R. E. CLEMENTS, *O mundo do Antigo Testamento*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 159.

49 Cf. A. van BORN, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 833.

50 Idem, p. 833.

51 Cf. A. PAUL, *El mundo judío en tiempos de Jesus*, op. cit., p. 99.

52 Cf. G. BRAKEMEIER, *O mundo contemporâneo do N.T.* op. cit., vol. 1, p. 7; A. PAUL, *El mundo judío en tiempos de Jesus*, op. cit., p. 47.

53 Cf. J. DRANE, *A vida na Igreja cristã primitiva: documentário ilustrado*. São Paulo, Paulinas, 1985, p. 20.

mento.<sup>54</sup> É necessário mencionar que a língua usada na sinagoga no Ocidente era o Grego. Ou seja, a celebração do culto experimentou mudanças importantes nesses anos após o exílio. A Sinagoga foi importante na vida dos judeus e existia uma quantidade significativa delas pelo Império romano no século I.

A 'dispersão' teve diversos momentos, onde a situação foi *in crescendo*, sobretudo no tempo do exílio (século VI a.C.), em Antioquia (século III a.C.) e Roma (século I a.C.), com a destruição do segundo templo em Jerusalém por Tito no ano 70 d.C., e após a fracassada revolta de Bar Cohba, no ano 133 d.C.

A diáspora judaica estendeu-se por todos os países do velho mundo e, mais tarde, também aos demais continentes. A experiência da diáspora, entre outras coisas, levou os judeus a serem estrangeiros, morar fora de seu país, fora de sua terra, a ter contato com outros costumes, culturas, religiões, a lutar para manter a identidade judaica nesse meio, às vezes adverso, e a aprender e a falar outra língua, assim como pela necessidade da sobrevivência deviam aprender as regras do comércio. Por esta necessidade se fizeram comerciantes.<sup>55</sup>

A diáspora também abriu as portas para outra dimensão mais ampla do que o judaísmo, já que o relacionamento com outras culturas e outras línguas e costumes quebram o estabelecido e necessariamente começou uma nova mentalidade tendo como resultado uma nova forma de ser judeu.

Para os exilados, Babilônia era uma nação com uma economia próspera e terras férteis que lhes permitiu participar na vida do império e organizar a própria comunidade o que não acontecia em sua terra natal. Evil-Merodach, sucessor de Nabucodonossor, mostrou uma atitude mais benevolente para com os judeus e a maioria dos exilados pôde adaptar-se à essa nova vida fora de sua terra de origem.

Em 538 a.C., os persas conquistaram Babilônia. O rei Ciro encontrou-se com um império que dominava inúmeras nações e adotou uma política de conciliação e tolerância. Ciro permitiu aos judeus o retorno à Judéia e a reconstrução do templo de Jerusalém. Grande parte dos exilados decidiu ficar na Babilônia e durante muito tempo enviou contribuições à sua terra natal, mantendo assim os laços espirituais, familiares e materiais. Por sua vez, os judeus que decidiram retornar dedicaram-se a reconstruir o templo e a reorganizar a nação. A conquista persa estabeleceu a diferença entre o exílio forçado e o início da vida na diáspora. Os núcleos judeus na diáspora continuaram fortes na sua prática monoteísta e em suas tradições milenaristas. Também se adaptaram às condições de vida em seus novos países e passaram a fazer parte integral deles. A preocupação com os ideais judeus foi uma constante das comunidades judai-

55 Cf. R. de VAUX, *Instituciones del Antiguo Testamento*. Barcelona, Herder, 1992, pp. 122-123. A esse respeito afirma que na Babilônia: *descendientes de los desterrados que no se habían unido a los que regresaron, figuran como agentes o clientes de grandes firmas comerciales. Esta actividad se dio tanto en Egipto como en Palestina, pero los sabios y los rabinos no los miraban con los mismo ojos* (cf. Eclo 42,5; 26,29; 27,2).

cas da diáspora. A pergunta que se coloca é como participar ativamente em uma sociedade ampla sem perder as raízes culturais e religiosas que os constituíam como membros de um povo específico? A resposta veio dos rabinos, que formularam uma série de leis indispensáveis para o equilíbrio desta intenção cultural, social e étnica. Ao conjunto de leis humanitárias e morais chamou-se Talmud, o qual proporcionou ao povo judeu uma série de sábias orientações particulares da vida, além de ter assegurado a salvaguarda de elementos essenciais na cultura judaica como o idioma e a liturgia. Assim, por exemplo se padronizou a liturgia judaica e se transcreveram as orações tradicionais.

Chama a atenção o crescimento do judaísmo na diáspora, cuja Sinagoga caracterizava-se por um grande espírito missionário. A vida dos judeus helenistas tinha experimentado um processo de mudança com relação à vida religiosa na Palestina. Para os judeus da diáspora a sinagoga tinha substituído o templo e a interpretação da Torá tomou o lugar dos sacrifícios. Os sacerdotes foram trocados em sua importância pelos escribas e os fariseus. Com isto, o pensamento judeu ampliou-se e deu lugar a uma visão mais universal, incorporando a linguagem e o pensamento helenista. Esta visão mais ampla facilitava e reforçava a missão. A experiência de viver na diáspora possibilitou e permitiu aos helenistas, no momento da perseguição, sair de Jerusalém sabendo e conhecendo o mundo fora de Palestina. Eles já tinham experimentado já a vida no exílio e sabiam-se movimentar e entrosar na cultura dos outros e ali fazer ou criar seu espaço.

#### 4. OS HELENISTAS E AS MANIFESTAÇÕES DAS COMUNIDADES CRISTÃS

Ainda que já tenhamos oferecido informações sobre os helenistas, é agora a nossa intenção tentar identificar quem são eles.<sup>56</sup> São judeus de língua grega?<sup>57</sup> São helenistas não por raça, mas por uma postura religiosa?<sup>58</sup> São contra os costumes judaicos? Em Antioquia existiam outros helenistas diferentes dos de Jerusalém? Ou devemos entendê-los só a partir de um conflito interno na Igreja de Jerusalém?<sup>59</sup>

Quando o texto bíblico fala dos helenistas, traz uma nova situação para dentro da vida das primeiras comunidades. Esta informação rompe a harmonia até agora apresentada pelo autor de Atos, assim como a boa convivência e solidariedade entre os irmãos e irmãs logo começa a se quebrar, ficando claro que por trás dessa situação existe um descontentamento e uma oposição ao trabalho dos dirigentes da comunidade de Jerusalém.

56 VV.AA. *Uma leitura dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Paulinas. 1983, p. 57.

57 Cf. H. KÖSTER, *Introducción al Nuevo Testamento*, op. cit., p. 596.

58 Cf. P. NOGUEIRA,; Um estudo sobre o grupo dos helenistas em Atos 6,1 — 8,3. *RIBLA*, 1995, 22, p. 112.

59 Cf. G. E. LADD, *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Exodus, 1997, p. 331.

Desta forma, os helenistas começam sua participação no livro de Atos. É uma tensão interna profunda, surgida, aparentemente, de uma questão doméstica.

Sobre este grupo, Leipoldt e Grundmann afirmam:

*en la primitiva comunidad de Jerusalén había ya un grupo de personas que había pasado gran parte de su vida fuera de Palestina; se les llamaba 'helenistas' y se componía de judíos de la diáspora y de prosélitos convertidos al cristianismo. Vivían, según es evidente, en cierta tensión con los cristianos judíos de Palestina y tenían sus dirigentes propios (Act 6,1-10); al adoptar una actitud crítica frente al culto del Templo y a la Ley, observados por los cristianos judíos de Palestina con gran celo, podían remitirse y así lo hacían, al propio Jesús (Act 7,56).<sup>60</sup>*

Eles eram judeus da diáspora que falavam a língua grega em contraposição aos que haviam permanecido na Palestina e falavam o aramaico.<sup>61</sup> Köster os definirá como judeus grecofônicos.<sup>62</sup> Para Paulo Nogueira, os helenistas são chamados por esse nome por causa de uma postura religiosa.<sup>63</sup> Por outro lado, Juan Luis Segundo afirma que se faz necessário um esclarecimento:

*Los helenistas no indican una nacionalidad distinta. Son étnica y religiosamente tan judíos como los primeros (hebreos). El mismo signo externo, la circuncisión es el mismo en ambos grupos... Se trata de judíos que pertenecen a la comunidad de Jerusalén, los que luego de vivir en la diáspora... han vuelto a su patria y viven en la capital.<sup>64</sup>*

Os que falavam grego e que tinham uma postura religiosa diferente dos hebreus fazem uma séria reclamação pela desatenção com suas viúvas. A partir deste questionamento, e com a morte de Estêvão, o jovem grupo cristão perde o *status* de fazer parte de uma *religio licita*, como era o judaísmo, e passa a ser uma *religio illicita*.<sup>65</sup> Este dado demonstra também uma espécie de superioridade dos hebreus em relação aos helenistas. As viúvas não são atendidas. A reclamação é séria e reflete uma situação delicada. Há acusações de desigualdades entre os cristãos. O princípio veterotestamentário, de socorrer as viúvas, os órfãos e os pobres não está sendo respeitado no meio do povo hebreu. Perante esse fato, os hebreus respondem com uma representação popular. Dentre os próprios afetados saíram sete diáconos que eram todos gregos.

Parte da comunidade cristã primitiva era composta de judeus da diáspora, com residência em Jerusalém e fiéis ao uso do Grego. Os personagens citados em número de sete trazem nomes gregos, um dos quais, Nicolau, é caracterizado como prosélito. O chefe do grupo era Estêvão, que foi martirizado, mo-

60 Cf. J. LEIPOLDT — W. GRUNDMANN, *El mundo del Nuevo Testamento*, op. cit., p. 465.

61 O Grego tinha sido falado nas cidades do império e não constituía, necessariamente, procedência territorial.

62 Cf. H. KÖSTER. *Introducción al Nuevo Testamento*, op. cit., p. 596; *Diccionario enciclopédico*, p. 1250.

63 Cf. P. NOGUEIRA, *A comunidade esquecida*, op. cit., p. 112.

64 Cf. J. L. SEGUNDO, *O caso Mateus: Os primórdios de uma ética judaico-cristã*. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 31.

65 Cf. J. LEIPOLDT — W. GRUNDMANN, *El mundo del Nuevo Testamento*, op. cit., p. 474.

tivo pelo qual os demais se dispersaram, ou melhor, fugiram para longe de Jerusalém. Eles são os precursores da missão cristã que se inicia a partir deste fato. Com eles, inicia-se uma nova etapa que começa em At 6,1. Este grupo influenciará, de forma determinante, no crescimento da comunidade cristã primitiva. Sua influência será tanto interna, questionando as práticas judaicas, quanto externa, abrindo as portas para o ingresso dos pagãos nas comunidades cristãs.

No mundo helenista o judaísmo tinha muitos adeptos. Alguns deles converteram-se totalmente, o que inclui os ritos de iniciação dos judeus, outros assumiam questões mais teológicas, tais como o monoteísmo, a observância do sábado e algumas regras alimentares, sem terem que se circuncidar. Eles foram denominados ‘tementes de Deus’ e se encontravam nas grandes cidades do império. São eles que formaram a grande força da missão cristã em meio dos gentios. Gerd Theissen<sup>66</sup> relaciona o carisma itinerante como um fenômeno que abrange vários aspectos e pessoas, podendo ser apóstolos, os doze, os discípulos do Senhor e os profetas e mestres de At 13,1 e At 11,27. Estes carismáticos tinham ou formavam uma espécie de círculo de colaboradores. Nessa proposta se inscreve o grupo dos sete em Jerusalém (At 6), os profetas itinerantes de 11,27 e também o grupo dos cinco em 13,1.

No caso que analisamos, os helenistas de Atos 6,1 eram um grupo que se queixava porque suas viúvas eram negligenciadas na distribuição diária. Esta foi uma forma costumeira de aparecerem mais, pois a partir deste fato ‘cotidiano’ é que ficamos conhecendo este grupo que marcará os rumos da Igreja cristã primitiva. Leonard Goppelt afirma que:

*o cristianismo helenista era completamente diferente do palestino... Fora de Palestina as primeiras comunidades se formam em todos os centros importantes do judaísmo da diáspora... A passagem de Jerusalém para Antioquia, no entanto, era ainda algo mais do que a transição de uma cultura para outra, como tem acontecido, de modo semelhante repetidas vezes. Representava a libertação decisiva e fundamental para todos os tempos do Evangelho da área do povo da antiga aliança.*<sup>67</sup>

Em nosso interesse por pesquisar as origens da comunidade de Antioquia<sup>68</sup> está implícita a procura por compreender a atuação dos helenistas, cujos resultados chamamos *uma igreja de portas abertas*. *Fixamos a nossa preocupação sobre os helenistas, pois, quando aconteceu a perseguição à Igreja de Jerusalém, todos fogem, exceto os apóstolos* (os doze), o que nos leva a pensar que a perseguição não os afetou. Segundo Helmut Köster, os helenistas são os que foram expulsos de Jerusalém.<sup>69</sup>

66 Cf. G. THEISSEN, *Sociologia da cristandade primitiva*. São Leopoldo, Sinodal, 1985, p. 58-59.

67 Cf. L. GOPPELT, *Teologia do Novo Testamento*. São Leopoldo/Petrópolis, Sinodal/Vozes, 1988, vol.1, p. 311-313.

68 Cf. A. WOODRUFF, *A Igreja pré-paulina*, op. cit., p. 73-74.

69 Cf. H. KÖSTER, *Introducción al Nuevo Testamento*, op. cit., p. 597.

Esse fato levanta alguns questionamentos. Por quê fugir? Quem foge? Tentemos responder a essas perguntas.

Nessa situação, os helenistas não sabemos se foram todos ou só a classe dirigente, fogem passando por vários povoados, como Judéia, Samaria, Fenícia, Chipre e Antioquia. Por sua vez os apóstolos e seus seguidores, onde talvez participassem alguns helenistas, não foram incomodados. O texto nada diz a respeito. Mas podemos dizer que eles não tinham razões para serem atingidos pela perseguição porque sua postura não questionava os costumes e as práticas judaicas. Além do mais participavam das práticas judaicas, isto é, assistindo às liturgias e às celebrações do templo.

Antioquia, depois de Jerusalém, foi o centro do cristianismo primitivo mais importante. Esta comunidade destaca-se como um sinal de testemunho solidário para os demais. Jerusalém enfrenta fome e perseguição. De Antioquia organiza-se uma contribuição que é encaminhada com Barnabé<sup>70</sup> e Saulo (11,30). É nesta cidade que pela primeira vez chama-se de 'cristãos' aos seguidores de Jesus (11,21). Isto também mostra que cada grupo religioso na cidade deve ter seu nome e, assim, ser diferenciado dos outros grupos. Antioquia é uma comunidade madura, pois tem a capacidade de organizar missões e enviar missionários (13,2). Mais adiante Paulo, de Antioquia, empreenderá novas missões para inteirar-se de como estavam os irmãos dos lugares por onde haviam passado antes (15,36).

Em nossa análise a comunidade de Antioquia, diante de Jerusalém, aparece como o lugar onde os cristãos e as cristãs são acolhidos e acolhidas. Podem se reunir e viver sua fé de outra maneira. Antioquia é a Igreja de portas abertas.<sup>71</sup>

Nossa visão da igreja primitiva geralmente toma como referência o que aconteceu em Jerusalém após a ressurreição de Jesus de Nazaré. A Galiléia quase não aparece, mesmo que os evangelhos localizem ali as aparições de Jesus ressuscitado (Mt 28,16-20; Jo 21). Logo depois, geralmente é aceito que Jerusalém é o centro do cristianismo primitivo. A respeito disso, Pablo Richard<sup>72</sup> indica que tal visão apresenta dois erros concretos sobre a interpretação das origens do cristianismo que vai dos anos 30 a 70: um de ordem cronológica que se baseia numa interpretação distorcida dos quatro evangelhos e outra de ordem geográfica.

Nessa mesma linha, pesquisas mais recentes<sup>73</sup> indicam-nos que a situação é bem diferente daquela tradicional. Jerusalém, já no período sub-apostólico<sup>74</sup> (70-120 d.C.), não exercia a influência que a tradição vem mostrando. Existiam muitas outras expressões do cristianismo presentes nas diversas cidades do Império, assim como nos pequenos povoados.<sup>75</sup> A própria fuga dos helenistas apresenta esta realidade.

70 Seu verdadeiro nome era José, foi chamado Barnabé pelos apóstolos. Seu nome significa *filho da consolação*. Era judeu-helenista, levita, originário de Chipre. Possuía um campo que vendeu para levar o dinheiro aos apóstolos (At 4,36-37). Indicado como homem cheio de fé e do Espírito Santo (At 11,24), tinha muito bom prestígio perante os dirigentes da Igreja em Jerusalém.

71 Usamos este termo, não obstante seria mais apropriado falar em *comunidade de portas abertas*. Isso porque é prematuro usar o termo Igreja. Veja P. NOGUEIRA, op. cit., p. 11 e A. WOODRUFF, A Igreja pré-paulina, op. cit., p. 75.

72 Cf. P. RICHARD, As diversas origens do cristianismo: uma visão de conjunto (30-70). *RIBLA*, 1995, 22, p. 8-9.

73 Confira *in extenso* os artigos publicados pela *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* — *RIBLA* 1995, n. 22.

74 Com respeito à terminologia mais apropriada sobre o uso dos períodos, confira R. BROWN, *As igrejas dos apóstolos*. Este autor na p. 17 fala de três gerações, que se dividem em período apostólico (30-70 d.C.), período sub-apostólico (70-100 d.C.) e período pós-apostólico (100 d.C.).

75 Cf. P. RICHARD, As diversas origens do cristianismo, op. cit., p. 13.

Não seria correto pensar que o cristianismo liderado pelos apóstolos se expandiu a partir da Palestina. O cristianismo foi crescendo em diversos lugares, formando com isso centros próprios, com estrutura e líderes locais. Nessa linha, além de Jerusalém, temos Galiléia, Antioquia e Éfeso.<sup>76</sup> Ou seja, o cristianismo é plural em suas origens. Assim, temos que aceitar que uma certa estrutura de governo centralizado se impôs em uma data posterior. Junto com o afirmado anteriormente, aceitamos que existiam comunidades em diversos lugares<sup>77</sup> e cidades, com seus próprios acentos teológicos, cristológicos e suas estruturas próprias de governo.

Como o nosso desafio é perguntar pelos helenistas, que são os que sofrem a perseguição, parece que devemos relacionar sua fuga de Jerusalém para Antioquia com o avanço do trabalho missionário para outros lugares. Assim como Felipe se dirige para Samaria (At 8,4-40), outros vão para Antioquia, juntando-se a Barnabé (11,19), membro da comunidade de Jerusalém, que vinha da diáspora de Chipre. O nosso texto, At 11,19-30 e 13,1-3, não fala de Pedro, Tiago, João e dos outros apóstolos do grupo dos doze.

Mencionamos dois pontos que provocaram a perseguição dos helenistas: a comunhão da mesa entre judeus e pagãos<sup>78</sup> e a frequência dos pagãos ao templo. Mesa e templo são o foco da discussão e do problema.<sup>79</sup> Estes problemas poderiam ajudar-nos a começar a entender o problema ou o conflito entre judeus e pagãos. Com o assassinato de Estêvão, inicia-se a perseguição aos cristãos e as cristãs em Jerusalém, a qual afetou principalmente aqueles cristãos de fala grega, mas não os apóstolos, pois eles continuaram fiéis observadores da lei e frequentadores do templo o qual ainda permanecia no Concílio de Jerusalém. Os helenistas, agora perseguidos, começam a desenvolver um extenso programa missionário na Judéia, Samaria etc. É a missão superando a lei e o templo. Os novos convertidos trazem com eles seus povos e suas culturas. Helmut Köster diz que *o novo horizonte cultural do cristianismo primitivo rapidamente ultrapassaria as fronteiras do judaísmo, modificando a tradição*.<sup>80</sup> Assim a morte de Estêvão será o elemento que desencadeará uma furiosa perseguição, dirigida contra a Igreja helenista.<sup>81</sup>

A perseguição deixa em evidência dois grupos em funções de liderança: *os doze*, com sede em Jerusalém, e *os sete* diáconos,<sup>82</sup> que agora terão sua sede em Antioquia ou no exílio. Os helenistas são cristãos judeus de língua grega retornados da diáspora para se instalar em Jerusalém.<sup>83</sup> Distinguiam-se pelo bom domínio do Grego.<sup>84</sup> São eles que levam o evangelho para os gregos, samaritanos e gentios. Mesters diz que a comunida-

76 Cf. E. HOORNAERT, *A memória do povo cristão*, op. cit., p. 76-90.

77 Cf. P. NOGUEIRA, *A comunidade esquecida*, op. cit., p. 124.

78 Este era um dos problemas mais difíceis para a convivência entre os cristãos judeus e os cristãos não-judeus. Sabemos que para um judeu observante, era proibido entrar na casa de um pagão (At 10,28), sentar-se à mesa com alguém que era impuro (Mc 2,16), comer carne com sangue (At 15,20). Tudo isto impedia entrar em contato com Deus e assim receber a bênção de Abraão. Esta situação reflete além de um problema religioso um sério problema cultural.

79 Cf. I. STORNILO, *Como ler os Atos dos Apóstolos*. O caminho do Evangelho. São Paulo, Paulus, 1993, p. 73.

80 Cf. H. KÖSTER, *Introducción al Nuevo Testamento*, op. cit., p. 564.

81 Cf. J. RIUZ-CAMPS, *De Jerusalén a Antioquia*. Gênesis de la iglesia cristiana. Comentario lingüístico y exegético a Hechos. Córdoba, El Almendro, 1989, p. 30.

82 Cf. A. WOODRUFF, *A Igreja pré-paulina*, op. cit., p. 24-31.

83 Cf. G. E. LADD, *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo, Exodus, 1997, p. 331.

84 Cf. P. NOGUEIRA, *A comunidade esquecida*, op. cit., p. 112 (citando a Ludger Schenke) e A. WOODRUFF, *A Igreja pré-paulina*, op. cit., p. 74.

85 Cf. C. MESTERS, Os conflitos no livro dos Atos dos Apóstolos — Uma sugestão para o estudo. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, 1995, n. 22, p. 39.

86 Cf. P. NOGUEIRA, A comunidade esquecida, op. cit., p. 109.

87 Cf. J. RIUZ-CAMPS, *De Jerusalém a Antioquia*, op. cit., p. 22.

88 Cf. V. BRANICK, *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*. São Paulo, Paulus, 1994, p. 52.

89 Cf. R. de VAUX, *Instituciones del Antiguo Testamento*, op. cit., p. 447.

90 Idem, p. 477.

91 Cf. A. PAUL, *El mundo judío en tiempos de Jesus*, op. cit., p. 158.

92 O termo *synagoge* é uma forma substantivada do verbo *synagein*, cujo significado é reunir-se.

de de Antioquia chegou a competir em autoridade e influência com Jerusalém,<sup>85</sup> além de se constituir num centro de encontro para as comunidades da Síria e Arábia. Os helenistas questionam o templo, a lei, entre outras instituições judaicas.<sup>86</sup> Paulo Nogueira acrescenta que *os helenistas faziam parte de uma liderança profético-carismática, escatológica apocalíptica, com liberdade frente à lei, rejeição do templo, ênfase missionária e participação da mulher*. Mas também poderia se afirmar que tinham uma estrutura de base, consciência alternativa, celebrações nas sinagogas e nas casas. Tinham uma prática fortemente profética, libertadora, martirial. Sua igreja era perseguida e servidora. Desse modo poderíamos acrescentar que a estrutura interna possibilitou a aparição de um outro líder. Com a morte de Estêvão, surge Felipe (At 8,5-13). E isto também possibilitou a penetração do Evangelho nas comarcas da Judéia e da Samaria (8,1). Tudo isto contribuirá na criação de novas comunidades. At 9,31 menciona Judéia, Galiléia e Samaria.<sup>87</sup>

## 5. SINAGOGA

A opinião dominante é a de que a Sinagoga nasceu na Babilônia,<sup>88</sup> nos tempos do desterro e como substituto do Templo. Outros opinam que nasceu na Palestina depois de Esdras e Nehemias,<sup>89</sup> e só depois de ter acabado a época persa. A ciência bíblica não tem textos antigos para propor uma solução mais acurada a respeito.

Para meados do século III a. C., existem papiros que falam de lugares de culto no Egito. Flávio Josefo fala de uma sinagoga na cidade de Antioquia nos tempos dos sucessores de Antioco Epífanes.<sup>90</sup> No âmbito das escavações na cidade de Delos, no final do século II inícios do século I d.C., tem-se encontrado restos do que poderia ser uma sinagoga. Em relação às testemunhas bíblicas sobre o tema, temos que dizer que textos como Ez 11,16 e Esd 8,15-20 não provam a existência de sinagogas ou lugares de oração na Babilônia. Por sua vez o Salmo 137 não fala nada disso. No caso do Salmo 74,7-8 seria mais oportuno entendê-lo ligado à destruição do templo por Nabucodonossor. A Sinagoga para André Paul:

*es la institución más importante del judaísmo. Tuvo una influencia decisiva en la vida judía a lo largo de los siglos, como lugar de lectura de la Escritura y centro de oración. Su influjo fue más allá de la religión judía. El cristianismo la asumió...*<sup>91</sup>

O termo grego *synagoge*<sup>92</sup> referia-se em geral a um grupo de pessoas, uma comunidade ou congregação, a uma reunião.

A sinagoga era, para os seus freqüentadores, o lugar do livro e não do sacrifício. O lugar podia ser uma casa particular, quando o grupo era pequeno, mas também podia ser uma casa especialmente adaptada para essa finalidade. Essa casa passava a chamar-se 'sinagoga' ou *proseuche*, lugar de oração. Esta era uma das diferenças importantes, talvez fundamental entre a *synagoge* e o templo, mesmo que este seja reconhecido como a pedra angular da organização social israelita. Por sua parte, a *synagoge* cumpria um papel importante na questão cultural e do saber dos povos. Nesta dimensão Roland de Vaux afirma, aqui *nestas casas não se celebrava o culto sacrificial, mas, ao contrário, era o lugar onde se reunia a comunidade para orar e para a leitura e ensino da lei*.<sup>93</sup>

A Sinagoga nasceu com os exilados judeus.<sup>94</sup> Surgiu fora da Palestina, e foi se convertendo num espaço privilegiado para o encontro e a celebração. Era o lugar da prece e da leitura do texto sagrado, onde as pessoas se reuniam no *sabbath* e em dias especiais. Era escola onde se estudava a Torá, era um centro da comunidade, onde as pessoas se podiam reunir por razões específicas, não necessariamente religiosas. Nestes lugares, segundo Hoornaert, se desenvolvia sistematicamente uma teologia de oposição ao sistema imperial romano, isto porque os judeus conheciam só a seu Deus e julgavam que o culto ao imperador era algo inaceitável. Junto com a oposição ao Império também a Sinagoga fazia oposição ao templo de Jerusalém, especialmente na questão sacrificial do templo e as exigências legais. Isto fez da sinagoga um elemento forte e de resistência dos judeus ante as situações de perseguição.

Distantes de Jerusalém e sem o templo como lugar central da vida do povo judeu, a sinagoga substituiu o templo ganhando um lugar importante na vida religiosa e cultural dos judeus exilados. Como espaço reconhecido outorgava uma idéia de pertença e favorecia os contatos entre as pessoas. Na ausência do templo e da celebração do culto, que incluía sacrifícios, esta prática não era mais possível. No caso do culto celebrado na sinagoga, a prática sacrificial não era possível. Por isso, começou-se a enfatizar aquelas coisas possíveis de realizar em qualquer lugar: oração, leitura da Torá, observância do sábado, circuncisão e observância das leis alimentares do Antigo Testamento. O idioma usado era o Grego, tanto para as celebrações como para as comunicações, sejam pessoais ou oficiais.

A presença e importância da sinagoga na Palestina foi posterior à dispersão. Eduardo Morin afirma que no tempo de Jesus haviam sinagogas em qualquer vilarejo de importância. Em Jerusalém, por sua vez, havia muitas sinagogas neste período. Ao que parece a *synagoge* gozava de considerável autonomia, ainda que em algumas cidades tinham certa coordenação.

93 Cf. R. de VAUX, *Instituciones del Antiguo Testamento*, op. cit., p. 447; veja também V. BRANNICK, *A Igreja doméstica nos escritos de Paulo*, op. cit., p. 52-43 onde ele faz um estudo para estudar a conexão entre a *synagoge* e a casa (*oikoj*) particular.

94 Cf. H. CAZELLES, *Historia política de Israel*: Desde as origens até Alexandre Magno. São Paulo, Paulus, 1986, p. 195. Não obstante, sobre este aspecto não existe uma só bibliografia. No momento que se consolidou como instituição central do judaísmo, as autoridades judaicas colocam sua origem muito atrás, atribuindo-a ao próprio Moisés, quem foi considerado seu fundador. Cf. A. PAUL, *El mundo judío en tiempos de Jesus*, op. cit., p. 159.

Depois do exílio do povo de Israel na Babilônia, que se iniciou nos tempos de Nabucodonossor, muitos judeus não voltaram para a sua terra, ficando por lá ou em outras diversas cidades, como, por exemplo, Antioquia, Éfeso, Alexandria, Ásia Menor, Síria, Egito e Roma. Em todas estas cidades concentrava-se um número importante de comunidades judaicas da diáspora. Foi neste contexto que se produziu o encontro entre o cristianismo primitivo e as comunidades judaicas espalhadas pelo império.

A Sinagoga, de uma forma diferente ao Templo, exercia a autoridade numa perspectiva mais democrática. Mesmo assim temos que dizer que não sabemos quando a Sinagoga começou a funcionar. Talvez seria mais prático pensar, assim como De Vaux, que se foi desenvolvendo gradual e paulatinamente junto ao judaísmo pós-exílico.

## CONCLUSÕES

No contexto sócio-político do século I d.C., a importância e influência do império romano é incontestável. Era uma presença absoluta em todos os âmbitos da sociedade, seja social, político, religioso ou cultural. Ainda que neste último âmbito manteve práticas herdadas da cultura grega tais como a língua e as práticas esportivas.

Se por um lado existia a *pax romana*, como expressão de uma presença específica, por outro existia uma 'peregrinação' e decepção por parte dos setores sociais mais castigados e violentados pelo modelo romano, especialmente os pobres e os escravos, entre outros setores da sociedade. Para estes setores o modelo romano era simplesmente uma camisa de força de marca imperial.

Neste contexto social devemos localizar a experiência cristã impulsionada pelos helenistas e uma nova proposta para a Igreja cristã. Esta proposta e compreensão ampla da fé cristã têm a ver com a experiência trazida pelos helenistas da sua vivência no exílio. Nessa vivência, a contribuição da Sinagoga e as mudanças que foram acontecendo, na ausência do Templo e dos sacrifícios, permitiu-lhes uma compreensão diferente de Jesus e o significado de sua morte e ressurreição. Esta compreensão passa fundamentalmente por uma opção menos ritualista (observância do ritos judaicos) e a compreensão da presença de Deus fora do templo e dos lugares sagrados.

Antioquia, nesse ambiente, assim como a sinagoga, lugar do livro, são duas expressões de mudanças significativas na formação do pensamento religioso, primeiro do povo judeu e depois do cristão. Na cidade de Antioquia, em meio ao esplên-

dor e à efervescência social, econômica, política e religiosa, vai-se consolidando o novo polo do cristianismo, neste caso a vertente helenista que será o início da missão *até os confins da terra*. Nessa expressão, a Sinagoga, entre abertura e conflito, acolherá e facilitará a penetração da fé cristã nas cidades e lugares onde vão os pregadores, profetas e mestres da comunidade cristã local. Aqui os helenistas, que para nós são judeus tanto quanto os que permanecem em Jerusalém, é o setor mais dinâmico e vital dessa expansão da fé cristã, ainda que enfrentando as perseguições e questionando aspectos doutrinários.

Nesse contexto de perseguição vão-se refletindo as contradições do modelo da *pax romana* e sua proximidade com o judaísmo conservador, o qual não duvidava em se aliar ao poder político do momento. Não obstante aqueles que ficam em Jerusalém, segundo At 6 e assistem como seus irmãos são perseguidos, logo depois também serão perseguidos pela autoridade romana, tendo que fugir para salvar suas vidas. É dizer as alianças com o poder opressor tem vida curta e as conseqüências políticas um preço ainda maior.